

LEITURA ORAL E ESCRITA: PONTOS E CONTRAPONTOS.

Luciana Virgínia Prazeres Teixeira Santos (FADIMAB)

lucianavptsantos@hotmail.com

Resumo

A motivação para este estudo surgiu da constante controvérsia entre a leitura de texto oral e a resposta de análise compreensiva de texto escrito. Deste impasse, têm-se duas situações comuns de análise. Primeiro, o professor não ensina o aluno a ser um leitor proficiente, por isso o aluno não entende as questões de compreensão de texto. E a segunda, o aluno tem preguiça de ler, de raciocinar, logo não tem o vocabulário apurado, e não consegue entender as perguntas de compreensão de texto. Nas duas hipóteses, recai sobre o professor de Língua Portuguesa, a responsabilidade pelo fracasso da leitura oral e escrita do aluno.

No decorrer desta pesquisa, analisaram-se os aspectos linguísticos, paralinguísticos e prosódicos, a implicação destes recursos como instrumentos auxiliares na leitura de texto e a repercussão destes elementos na interação comunicativa em sala de aula.

O elemento norteador desta pesquisa é a Teoria Interacional da Entonação (TIE), definida por David Brazil (1985), que compreende que as pistas fornecidas pelo leitor/ouvinte/autor/texto são constitutivas de sentido e que as escolhas tonais feitas pelos interactantes, auxiliam na construção de sentido de texto oral, e este, está diretamente ligado à compreensão de texto escrito.

O estudo é descritivo e observacional, de caráter qualitativo. O corpus para esta pesquisa é constituído a partir da leitura oral de texto (gravada em áudio) feita pelo professor e pelo aluno, e a repercussão desta leitura em texto escrito.

Esta investigação não tem como objetivo problematizar a leitura de texto feita pelo professor e pelo aluno em sala de aula, mas intenciona mostrar que a prosódia associada aos elementos suprasegmentais da fala – paralinguísticos e extralinguísticos – podem ser usados como suportes a mais para construção de sentido de texto oral e escrito.

Palavras-chave: Leitura – Entonação – Oralidade e Escrita

Introdução

O ato de ler, para alguns, parece ser algo fácil e agradável, para outros representa um sacrifício sem perspectivas favoráveis. A motivação para este estudo surgiu da constante discrepância entre a leitura oral e a leitura compreensiva de texto escrito em sala de aula. Deste impasse, têm-se duas situações comuns de análise. Primeiro, o professor não ensina o aluno a ser um leitor proficiente, por isso o aluno não entende as questões de compreensão de texto. E a segunda, o aluno tem preguiça de ler, de raciocinar, logo não tem o vocabulário apurado, e por isso, não consegue entender as perguntas de compreensão de texto escrito. Se enumerássemos todas as culpas, atribuídas ao professor de Língua Portuguesa, neste processo interativo, por certo não caberiam nesta lauda.

Neste sentido, esta pesquisa tem por objetivo investigar se o fracasso nas respostas de compreensão de texto escrito é do professor, no que concerne a metodologia aplicada em sala de aula e o estímulo à leitura. Do aluno, que não sabe ou não quer ler. Ou se há outros elementos relacionados ao aspecto paralinguístico e extralinguístico que interferem na construção de sentido de texto oral e escrito.

Esta investigação percorre os caminhos dos aspectos linguísticos, paralinguísticos, extralinguísticos e prosódicos da linguagem, indicadores do padrão entoacional e das proeminências selecionadas na leitura de texto em sala de aula.

O elemento norteador desta pesquisa é a interação comunicativa que aponta para a função organizacional, social e informativa da linguagem. Dessa maneira a Teoria Interacional da Entonação (TIE), como definida por David Brazil (1985), sugere a noção de contexto interativo na e pela linguagem. Oferecendo suporte teórico metodológico, em que é possível identificar a forma dos enunciados através dos efeitos semântico-discursivos elaborados pela voz. Este modelo considera que cada aspecto entoacional acrescenta um tipo de intenção comunicativa e que a partir dele é possível estabelecer relações de sentido.

O corpus para esta análise é constituído a partir da leitura oral de texto feita pelo professor e pelo aluno em sala de aula, gravados em áudio, posteriormente foram feitas 23 transcrições de análises de acordo com as Normas propostas por Brazil (1987).

As sentenças foram divididas em cadeia tonal, registradas por barras oblíquas //...//. E subdivididas em unidade tonal, que é o segmento do discurso, registrada por uma barra oblíqua /.../, destacando-se as sílabas proeminentes de cada sentença pelo falante.

Ao finalizar, compararam-se os pontos e os contrapontos observados na leitura de texto oral em sala de aula e a repercussão desta leitura na análise compreensiva de texto escrito.

Este trabalho ancora-se em recente pesquisa de dissertação de Mestrado, realizada em escola particular de Região Metropolitana do Grande Recife, estado de Pernambuco; com professor do ensino fundamental II e com alunos do 7º ano.

Esta pesquisa possibilita o reconhecimento dos recursos prosódicos como estratégias que auxiliam de forma significativa na construção de sentido de texto oral em sala de aula com implicações diretas na compreensão de texto escrito. E reafirma que o professor, em sala de aula, é o referencial do aluno, e é responsável pelo dispersa de uma plêiade que o contempla. Mas como leitor/ouvinte, professor e aluno são corresponsáveis pelo que leem, pelo que escutam e a maneira como o fazem, estando ambos, sujeitos às mesmas leis.

1. Um olhar sobre a Teoria Interacional do Tom (TIE)

Este trabalho fundamenta-se na Análise do Discurso, concebida como estrutura da língua, ou da materialidade linguística – expressão que fornece uma ideia mais completa do que se trata a língua: uma estrutura opaca atravessada pelos eventos sócio-históricos. Sob esta ótica, o sujeito é visto como personagem principal, motivado intencional ou ideologicamente por uma sucessão de práticas discursivas. Sendo assim, o texto não é algo transparente, o valor comunicativo é carregado de significado. Com base na Teoria Interacional da Entonação (TIE), na concepção de David Brazil (1985), o

falante fornece pistas entoacionais e as utiliza como um dos elementos organizadores de sua compreensão. Como é na oralidade que se manifesta explicitamente a prosódia, não se pode deixar de considerar, também, aspectos da Análise do Discurso.

A Teoria Interacional da Entonação (TIE) foi desenvolvida na Inglaterra, no final da década de 70 e início da década de 80. Teve como principal expoente o teórico David Brazil. O objetivo da TIE é permitir a análise das trocas interativas face a face. Tem como base os conceitos de discurso de orientação direta (centrado no conteúdo e com uma preocupação direta com o ouvinte) e o discurso de orientação oblíqua (centrada na língua em sua superfície onde o falante assume o papel de mero sonorizador de palavras).

No primeiro caso, discurso de orientação direta, há uma diversidade maior de tons, emprestando à fala uma melodia mais apurada. Neste caso, intenciona-se uma aproximação mais substancial com o falante. Brazil (1987) descreve cinco tons para este tipo de discurso:

- ✓ Dois tons ascendentes, chamados de tons alusivos (r e r^+);
- ✓ Dois tons descendentes ou tons informativos (p e p^+); e
- ✓ Um tom neutro ou nível (0).

Os tons ascendentes e descendentes - ascendentes (r e r^+) são usados pelos falantes para emitir mensagens a partir do conhecimento partilhado.

E os tons descendentes e ascendentes - descendentes (p e p^+) apontam para informações novas, uma informação não partilhada e, ainda, indica traços de divergência, antagonismo de opiniões.

De acordo com o modelo apresentado por Brazil (1987), foram utilizados os seguintes símbolos para registrar a transcrição:

Normas para transcrição – David Brazil (1987)

<i>Low Termination (LT)</i>	Terminação baixa
<i>High Key (HK)</i>	Terminação alta
Padrão Entoacional	Ascendente
	Descendente
	Ascendente – descendente
	Descendente – ascendente
	Nivelado
Proeminências	Sílabas proeminentes = maiúsculas
	Sílabas não – proeminentes = minúsculas
Cadeias tonais	// ... //

Unidades tonais	/... /
Sílaba tônica	Sublinhada

Níveis de fala: Base e terminação	Alto (high) = Sobrescrito
Tom	Médio (mid) – permanece no nível
	Baixo (low): subscrito
	(p) = descendente (proclaiming)
	(p+) = ascendente – descendente (proclamador)
	(r) = descendente – ascendente (refer)
	(r+) = refer
Cadeia Tonal	Separada por duas barras //
Unidade Tonal	Separada por uma barra /

TOM		
Nomenclatura	Símbolo	Implicações
Ascendente (rise)	↗	Referente dominante
Descendente (fall)	↘	Proclamador não - dominante – Discurso de Orientação Oblíqua
Ascendente – descendente (rise – fall)	↗ ↘	Proclamador dominante
Descendente – ascendente (fall – rise)	↘ ↗	Referente não – dominante
Nivelado (level)	→	Discurso de Orientação Oblíqua

Este modelo interativo entoacional proposto por Brazil considera que cada aspecto entoacional acrescenta um tipo de intenção comunicativa. Segundo ele, as

pequenas variações de velocidade, inflexão, tensão e volume da voz são ferramentas que contribuem para uma perfeita entonação, conseqüentemente, auxiliam na transmissão e recepção da mensagem. As escolhas tonais feitas pelo falante revelam aspectos de emoção, passividade, ironia e se constituem em estratégias que auxiliam na relação de sentido. A voz, dessa forma, representa um meio para atingir o outro.

2. Prosódia: caminhos e percursos

O viés interacionista surgido no final do século XX atribui à prosódia a designação de parte da fonética/fonologia que se ocupa dos elementos comuns referentes à linguagem expressa pela musicalidade, altura da voz, duração e outros elementos correlatos constitutivos da oralidade.

Para Crystal (1997), a prosódia desempenha um papel semelhante ao da pontuação na escrita, mas, no que se refere à oralidade, a prosódia, também é responsável pelas estruturas de contraste dentro de uma mesma sentença. Assim, uma frase dita por um mesmo falante, em situações distintas, pode representar sentidos diferentes.

Numa perspectiva mais interacionista e menos normativa, Crystal (2000) diz que a prosódia é todo e qualquer fenômeno que ocorre num segmento de fala e envolve aspectos acústicos, como: frequência, duração da voz, intensidade e seus respectivos correlatos físicos. Costa Neto (2004) acrescenta que a principal função da prosódia é destacar as sílabas proeminentes, ou seja, sílabas tônicas, na produção das palavras, como também dar relevância ao ritmo da entonação na produção de frases. Sob este mesmo olhar, estudos como o de Viana (1992) mostram que, embora as sílabas destacadas coincidam com o acento tônico das palavras, nem sempre as escolhas tonais feitas pelo falante coincidem com as das regras gramaticais, o que demonstra que a seleção das proeminências constitui atividade individual, portanto, carregam marcas intencionais.

Azevedo, Cardoso e Reis (2003) afirmam que, para desenvolver o estudo acústico da prosódia, é necessária a análise de três parâmetros: a frequência fundamental (correlato físico que diz respeito à melodia), a duração (correlato físico correspondente ao tempo de articulação dos fonemas) e a intensidade (correlato físico que corresponde à energia vocal utilizada pelo falante). A prosódia envolve a combinação da respiração, da voz e da articulação dos fonemas. Assim observa-se que os padrões entoacionais, quando aplicados adequadamente, ajudam na construção de sentido de texto, uma vez que envolvem um conjunto de variações de altura e de frequência.

Martins (1989) atribui à prosódia a responsabilidade da entonação dos vocábulos. A voz descreve uma curva melódica ao pronunciar-los. Os movimentos desta curva são signos que desempenham a função de construção de sentido entre os integrantes numa atividade discursiva. À entonação cabe a designação de recurso auxiliar da oralidade, tendo como objetivo principal contribuir de forma relevante para o sucesso da interação comunicativa.

Segundo a ótica interacionista, observada por Van Dijk (1992), a combinação de palavras, a leitura oral de um enunciado não se constitui numa correlação de forças, nem concentração de poder, embora todo enunciado seja constitutivo de

intencionalidade explícita ou implícita. A negociação entre autor/texto/leitor/ouvinte dá corpus à construção de sentido de texto.

Neste sentido, os principais elementos prosódicos: entonação, frequência fundamental, as variações do pitch, loudness (variação de intensidade da voz para um tom mais baixo ou mais alto), acento/ênfase, velocidade, pausa, duração e intensidade do som são carregados de intencionalidade, dessa forma estes elementos, quando associados à leitura oral de texto em sala de aula, revelam marcas constitutivas de quem lê.

3. Contexto Interativo

No começo da leitura, o professor é o responsável pelo início das trocas interativas. Como afirma Gnerre (1998), tem o poder da palavra, preocupa-se com o aspecto sintático dos termos e sua construção dentro do processo interativo. É sabido que leitor quer seja professor ou aluno, formula hipóteses a partir de outras leituras; dessa forma observam-se na leitura de ambos, frases truncadas, pausas longas e supressão de palavras, o que para Kleiman (2000), é um processo normal, visto que a leitura não está centrada apenas no leitor. Não há ouvinte sozinho ou leitor isolado; há ouvintes que se fazem leitores num dado momento (LAJOLO, 2005).

A leitura de texto oral está diretamente ligada ao conhecimento prévio de cada leitor. Dessa forma, observa-se que a leitura do professor é mais segmentada, o que leva a crer que há maior domínio na expressividade da palavra.

O padrão ascendente é caracterizador de monopolização da leitura. No que se refere ao aluno, significa que este não abre espaço para interferências. Já os padrões descendentes e neutros permitem a dialogicidade com o outro, cabendo neste momento, interferências do professor para esclarecer questões como: vocabulário, reformulações de hipóteses, retificação de fonemas e palavras que causaram estranheza durante a leitura.

Observou-se que, com a continuação da leitura feita pelo grupo de leitores/ouvintes, o jogo interativo assume proporções maiores, uma vez que, quanto mais se distanciam da leitura feita pelo professor, mais adquirem autonomia em sua própria leitura.

Na interação comunicativa, a pontuação e o acento da tônica das palavras nem sempre coincidem com a leitura feita em sala de aula, o que segundo Brazil (1985), leva a crer que o sentido do discurso a partir da estrutura tonal, dentro de um contexto interativo, é carregado de sentido. Como afirma Banze (1993 *apud* KOCH, 2003), a interação é planejada e replanejada a cada novo “lance” do jogo interativo.

As pausas longas apontam para organização da fala ou revelam incompreensão do dito. Dessa forma o leitor fornece pistas intencionais carregadas de sentido ao ouvinte; cabendo a este, interferir nas trocas interativas como estratégia de manutenção da fala.

Viana e Lucena (2001) ratificam esta proposição, quando afirmam que a prosódia muito mais do que enfeites fonéticos, constitui formas de transmitir significações. A intervenção do professor na leitura de texto oral feita pelo aluno é

necessária porque auxilia positivamente na construção e reconstrução de sentido de texto oral e escrito.

Para Scarpa (1999), as variações de frequência fundamental, acompanhados geralmente de variações de duração e qualidade da voz, são usadas para demarcar fronteiras prosódicas. A demarcação de fronteiras produz um momento de tensão no texto e estes fatores interferem negativamente na construção de sentido.

Não existe uma maneira padrão de leitura de texto, uma forma correta de ler e compreender o dito, porque a compreensão e a leitura oral estão além das estruturas semânticas e sintáticas, mas há um conjunto de fatores extralinguísticos que concorrem significativamente para construção de sentido de texto.

Considerações Finais

Esta pesquisa possibilitou o reconhecimento dos recursos prosódicos como estratégias que auxiliam de forma significativa na construção de sentido de texto oral em sala de aula, com implicações diretas na compreensão de texto escrito. Dessa forma, pode-se concluir que a compreensão textual é resultante de uma cadeia de significações elaboradas a cada lance do processo interativo. Assim, a entonação da linguagem cumpre seu papel através das funções básicas do discurso, função organizacional, informativa e social, que asseguram a compreensão de texto oral e escrito.

As regras gramaticais são indispensáveis no discurso da oralidade e da escrita. Porém, quando associados aos elementos suprasegmentais da fala, destacam certas partes do texto, permitindo aos interlocutores uma melhor compreensão do dito. Neste sentido percebeu-se que as hesitações, as pausas – indicadores de decisões lexicais – na leitura, influenciam diretamente na construção de sentido de texto escrito.

Nesta perspectiva sob outro olhar as hesitações e pausas durante a leitura de texto podem ser observados também como indicadores de dúvida. Estes indicadores permitem a inserção da fala do professor, para nortear a compreensão do dito, tendo o seguinte contraponto: na falta desta mediação, percebeu-se prejuízo considerável na relação de sentido de texto oral e escrito.

No que se refere à supressão e acréscimos de letras ou de palavras na leitura oral, verifica-se que o leitor proficiente tem conhecimento prévio e partilhado. E recorre aos elementos anteriores para formular proposições e deduz muitas outras palavras. Surge daí a explicação para inserção ou retirada de palavras do texto, no momento da leitura com implicações mínimas na compreensão de texto escrito.

Em contrapartida, o leitor não proficiente apresenta, muitas vezes, desconhecimento prévio dos vocábulos e não é inserido no contexto partilhado, pelo professor. Neste sentido, há prejuízo entre o que se lê e o que se escreve.

Outro ponto a ser considerado é que a divisão feita em unidades e cadeia tonal auxilia na organização da fala, revela traços de quem lê (experiências, conhecimento vocabular, nível social), permitindo ao professor identificar o aluno que apresenta dificuldade na leitura de texto oral.

Por esta perspectiva, verifica-se que a leitura sequencial e grupal em sala de aula interferem no fluxo do discurso. Diante desta verificação, constata-se que na leitura oral, em que cada aluno lê apenas um parágrafo ou uma única cadeia tonal (frase) não constrói de forma significativa o sentido global do texto e, por conseguinte, não fornece ao professor os subsídios necessários para perceber todos os indicadores de dúvida apontados pelos participantes no processo interativo. Sendo esta prática de leitura, um contraponto a ser considerado criteriosamente pelo professor.

Em sala de aula, o professor é o referencial do aluno. Tem o poder de iniciar e conduzir as trocas interativas. Este poder, no entanto, é delegado aos leitores/ouvintes no momento da leitura, constituindo-se dessa forma numa rede de relações complexas. Cada estratégia utilizada pelo falante contribui para a formação de sentido de texto. Diante desta assertiva, a interferência ou ausência do professor constitui-se em um fator essencial para formação de leitores e ledores de texto.

Há leitores que monopolizam a leitura oral de texto em sala de aula, usando o padrão entoacional ascendente /↗/, desta forma não abrem espaço para interferência do professor ou de ouvintes/leitores. O professor não é o guardião da leitura, mas é o mediador e como tal deve proceder.

A sala de aula é um contexto social, situacional e informacional em que acontece a interação. É o lugar também em que ocorrem as tensões, os conflitos, os tropeços, a palavra e a contra palavra. O aspecto cognitivo, linguístico e extralinguístico somam-se ao processo de construção da leitura, conhecimento prévio e conhecimento partilhado. Porque o ato de ler não é algo isolado, constitui-se num jogo de natureza dialógica; onde o fornecimento de pistas entoacionais e prosódicas são constitutivas de significações.

Com relação aos recursos paralinguísticos e extralinguísticos presentes, observou-se que eles são essenciais na leitura oral de texto porque interferem na organização do pensamento e são constitutivos de significação, uma vez que atuam de forma decisiva para manutenção e ampliação dos horizontes na interação comunicativa.

A leitura de texto revela marcas de cada leitor, o que o torna pluridimensional. Estes dados apontam que professores e alunos, ora ouvintes/leitores estão sujeitos às mesmas leis, no processo de interação comunicativa pela linguagem.

Alguns leitores do 7º ano, frequentemente, se esquivam da leitura em sala de aula. Primeiro, porque acham que os tropeços (supressões, acréscimos de letras e palavras – pausas longas) são reveladores de “ignorância” (desconhecimento de algo). Segundo, porque não querem ser alvo de críticas dos colegas e do professor. Em contrapartida, o professor, de certa forma ratifica esta teoria, quando seleciona os melhores alunos de leitura, para fazê-la. Desprezando os demais membros do grupo que não fazem uma leitura “perfeita” (sem errar, sem gaguejar), surge daí, o mito do bom leitor.

Esta pesquisa aponta para a necessidade de mudança da conduta dos professores no processo de leitura em sala de aula, uma vez que a leitura não é privilégio da disciplina de Língua Portuguesa. É importante observar que a boa leitura é essencial para a compreensão das proposições em qualquer disciplina, visto que esta compreensão de texto oral está diretamente ligada à compreensão de texto escrito. E

cada professor, em sua especificidade de ação, deve estimular a esta prática desta interação comunicativa na e pela linguagem.

As considerações desse trabalho não representam um ponto final nas questões de compreensão de leitura de texto oral e escrito, mas abrem caminho para novas investigações, questionamentos, pontos e contrapontos na leitura de texto oral e escrito em sala de aula.

Referências

AZEVEDO, L. L.; CARDOSO, F.; REIS, C. Análise acústica da prosódia em mulheres com doença de Parkinson: comparação com controles normais. *Arq. Neuro-Psiquiat.*, vol. 61, no.4, dez. 2003b.

BRAZIL, D. *The communicative value of intonation in English*. Birmingham: English Language Research (Discourse Monographs, Series, 8), 1985.

_____. *Discussing discourse*. Birmingham: English language Research, 1987.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Trad. M. C. P. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 213.

_____. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DIJK, Teun A. Van. *Cognição, Discurso e Interação*. São Paulo, Contexto. 1992. In: KOCH, I. G. V. *A inter- ação pela linguagem*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.bb

GNERRE, Maurício. *Linguagem, escrita e poder*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.

KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

MARTINS, N. *Introdução à Estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: EDUSP, 1989.

NETO, M. L. COSTA. *A Importância da Prosódia no Contexto da Conversação Texto-Fala*. (mimeo), Universidade Federal do Maranhão, 2004.

SCARPA, E. M. (Org.). *Estudos de prosódia*. Campinas. São Paulo: Unicamp, 1999. In: LEAL, A. L.; MADEIRO, F.; VIANA, M. A. M. *Comunicação Mãe X Bebê: Padrões entoacionais e trocas comunicativas*. In: (Org.). ACIOLI, M. D.; MELO, M. F. Vilar. de.; COSTA, M. L. Gurgel. *A Linguagem e suas interfaces*. Recife: Ed. Dos Organizadores, 2006.

VIANA, M. *Padrões entoacionais nos processos de continuidade e descontinuidade na fala*. Universidade Federal de Pernambuco. Recife (mimeo): Universidade Federal de Pernambuco, 1992.

VIANA, M. A.; LUCENA, L. O discurso de psicologia: características e usos – o caso da troca de turnos. Interlocuções. *Revista de Psicologia da UNICAP*, Ano 1; n. 2; jul./dez. p. 36-71; 2001.